

A CAPOEIRAGEM BAIANA NA CORTE IMPERIAL (1863-1890)

*Carlos Eugênio Líbano Soares **

A capoeira foi uma das manifestações mais vigorosas da cultura popular do Rio de Janeiro do final do século XIX. Seja como grupos isolados em luta com outros grupos por controle de áreas urbanas (as “maltas”),¹ seja como capangas, aliados ocasionais de políticos, geralmente ligados ao regime monárquico,² os capoeiras (como eram chamados os praticantes da capoeira na época) tiveram um papel extremamente ativo no mundo das ruas da Cidade do Rio da época.

A capoeira não era, naquele momento, como se poderia pensar, uma atividade exclusiva de escravos ou negros nascidos na cidade. Uma variedade de grupos de origens diversas (brasileiros, portugueses, etc.) se valiam das práticas da capoeiragem para se afirmar no ambiente urbano. Entre esses grupos despontam aqueles oriundos das várias regiões do país, que vinham para a Corte atraídos pelas oportunidades da cidade grande, ou carreados pelo tráfico de escravos. Vindos das mais longínquas partes do Império, merecem destaque os nascidos na Bahia, particularmente na Cidade de Salvador.

A tradição da capoeira baiana já é um lugar comum nos estudos de cultura no Brasil.³ Mas estudos sobre a capoeira baiana do século XIX ainda são inexistentes, muito menos versando sobre capoeiras baianos no Rio de Janeiro desse tempo.

Este artigo analisa a presença de baianos no universo da capoeiragem na Cidade do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX.

Professor da Universidade Severino Sombra (Vassouras-RJ).

¹ Ver Carlos Eugênio Líbano Soares, *A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro. 1850-1890*, Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio, 1994, pp. 39-94.

² Soares, *A negregada instituição*, cap. V.

³ Ver a rica bibliografia produzida pela Funarte: *Capoeira: fontes multimídia*, Biblioteca Amadeu Amaral, Rio de Janeiro, Funarte, CFCP, 1995, 158 p.

Mas o nosso enfoque será limitado pelo caráter das nossas fontes. A principal fonte que utilizamos são os chamados Livros de Matrícula da Casa de Detenção do Rio de Janeiro. Eles registram o movimento de presos no maior centro prisional da Corte (atual Presídio Frei Caneca), cuja função era deter indivíduos que praticassem pequenos delitos, ou que estivessem sendo processados. Esses documentos registram com riqueza de detalhes aqueles personagens mais comumente atingidos pela repressão policial, naturalmente preocupada com os estratos mais baixos da sociedade, as chamadas “Classes perigosas”.⁴ Essas fontes representam, possivelmente, uma das mais minuciosas radiografias da pobreza urbana carioca no século XIX.

Os capoeiras, juntamente com prostitutas, assaltantes, pedintes, “ratoneiros” (ladrões de residências) e outros, estavam entre os perigosos membros dessa turbulenta multidão das ruas. E eram constantemente apanhados nas malhas da repressão. Devido ao fato de a capoeira não ser criminalizada no Código Penal (como será em 1890), e às poderosas ligações que mantinham com políticos, os capoeiras escapavam freqüentemente de punições maiores, embora fossem vítimas constantes de prisões rápidas.

Existiam registros carcerários separados para livres e escravos, mas os primeiros eram muito mais abundantes. Os dados da Casa de Detenção que utilizaremos em nosso trabalho se referem a nome, idade, ocupação, moradia, local em que foi preso e data da soltura.

Outros dados como filiação, traços físicos (rostos, olhos, etc.) não serão utilizados. Quanto aos escravos, existem registros do nome do senhor e da nação. Quanto aos períodos utilizados, sobre livres, levantamos dados dos anos de 1868, 1870, 1877, 1879, 1880, 1881, 1882, 1883, 1884, 1885, 1886, 1887, 1888, 1890; dos escravos, foram preservados poucos registros: os dos anos de 1863, 1879, 1881, 1882.

Um total de 112 prisões por capoeira envolvendo baianos foi registrado na Casa de Detenção nesses anos, dez de escravos e o restante de livres. Vários indivíduos foram detidos mais de uma vez. Isso indica um sinal da “periculosidade” dos baianos capoeiras na Corte. Elabo-

⁴ Ver o estudo de Sidney Chalhoub, *A guerra dos cortiços: Cidade do Rio, 1850-1906*. Campinas, IFCH/UNICAMP, 1990 (Col. Primeira Versão, n° 19).

ramos uma tabela da porcentagem de baianos, em comparação com capoeiras de outras províncias, o que pode dar uma idéia do peso da colônia baiana nos anos 80 daquele século.

A primeira coisa que assoma aos olhos é o peso da comunidade baiana no conjunto daqueles praticantes da capoeira de então. De um total de 2.632 presos capoeiras entre 1861 e 1890, temos 112 baianos (4,25%). Mesmo descontando aqueles que foram presos mais de uma vez, esses 5% são mais numerosos que qualquer comunidade fora da Província do Rio ou da Corte.

Tabela 1
Distribuição segundo a origem dos capoeiras detidos na Casa de Detenção do Rio de Janeiro. 1881-1890

Origem	Número	%
Bahia	112	5,6
Minas Gerais	39	1,9
Pernambuco	70	3,5
Piauí	14	0,7
Santa Catarina	16	0,8
Rio Grande do Norte	9	0,4
Rio Grande do Sul	38	1,9
São Paulo	63	3,1
Maranhão	35	1,7
Ceará	37	1,8
Pará	10	0,5
Alagoas	11	0,5
Sergipe	9	0,4
Paraíba	13	0,6
Paraná	5	0,2
Mato Grosso	2	0,1
Amazonas	2	0,1
Espírito Santo	9	0,4
Província do Rio	338	17,0
Corte	1146	57,9

Fica claro, na tabela acima, o predomínio de baianos entre os capoeiras oriundos do interior do Brasil, superados apenas pelos nascidos na Corte e na Província do Rio. Cerca de 5% das prisões de brasileiros por capoeira eram filhos da Bahia.

Quais os significados dessa presença? Sabemos que nossa resposta não pode ser dada em termos numéricos, mas propomos nesse artigo apenas demonstrar os dados relativos aos capoeiras baianos na Corte na última década da escravidão.

Os censos de 1872 e 1890 permitem ter uma idéia da população baiana geral nesse período. Em 1872, residiam 5.559 baianos no Rio, sendo 1.432 escravos e 4.127 livres. Representavam cerca de 2,9% de toda a população brasileira na cidade, e 21,8% da população brasileira não fluminense ou carioca.⁵ Em 1890, os baianos chegam a 10.300, cerca de 2,8% dos brasileiros no total, e apenas 7,7% dos brasileiros não-cariocas.⁶

Assim, a percentagem de prisões de baianos capoeiras supera a proporção da colônia baiana para o total de brasileiros na Corte. Podemos, assim, afirmar que a presença de baianos na capoeiragem carioca não era apenas resultado de sua presença numérica, realmente alta na população em geral, e principalmente entre os brasileiros não cariocas entre 1872 e 1890. Pelo contrário, sua maior presença nas estatísticas criminais da capoeiragem alerta para mecanismos culturais, e estereótipos sociais, que extrapolam os dados numéricos.

Aliás, os escravos merecem um comentário à parte. A capoeira emergiu na vida cultural carioca como uma atividade de escravos. Só tardiamente é que livres e libertos vieram se agregar a este mundo. E, pouco a pouco, superaram os escravos numericamente, até mesmo pelo declínio da escravidão nas cidades. Mas os livres mantiveram algumas tradições da capoeira escrava, muitas vezes expressas nas posições políticas desses indivíduos.

Outra questão importante, e que essa documentação não revela, é a forma como esses indivíduos foram para a Corte. Os cativos, podemos supor com certa exatidão, chegaram na vaga do tráfico interprovincial, que aumentou muito após o colapso final do tráfico atlântico, em 1850. Quanto aos livres, sabemos que o fluxo de navios entre as cidades litorâneas e a Corte era muito grande no século XIX, e respondia por muito da

⁵ *Recenseamento da população do Município Neutro de 1872*. Rio de Janeiro, s. e., 1872.

⁶ *Sexo, raça, estado civil, nacionalidade, filiação, culto e analfabetismo da população recenseada em 31 de dezembro de 1890*. Rio de Janeiro, Diretoria Geral de Estatística, 1898.

mobilidade dentro do país. Supomos que muitos desses baianos foram para a Corte em busca de melhores empregos e oportunidades, como era natural que ocorresse, em se tratando de uma grande metrópole.

Quanto aos filhos de baianos no Rio, será que eles se assumiam como baianos? Esta é outra questão que a documentação levantada não permite perceber.

Cor

A maior parte dos baianos capoeiras na Corte são “pretos” de acordo com os padrões de cor do Brasil do final do XIX. Esses padrões se dividiam em “pretos”, “pardos” (mulatos e mestiços) e “fulos” (mestiços claros), “caboclos”, morenos e brancos.

A capoeira nas últimas décadas do século XIX perdera uma característica comum da primeira metade do século, que era seu domínio absoluto por escravos, e o predomínio de africanos (que na totalidade eram “pretos”). A chegada de imigrantes e o êxodo rural crescente mudam a composição racial e social da massa trabalhadora urbana. Ela se torna mais “branca” e “parda”, crioula. A capoeira acompanha esse movimento.⁷ Sob esse ângulo, os baianos representavam a manutenção dos padrões raciais pré-1850, pelo predomínio de negros e, especialmente, “pretos”. Os dados revelam o seguinte:

Tabela 2
Distribuição por cor dos baianos presos
por capoeira no Rio de Janeiro

Cor	Número	%
Pretos	61	54
Pardos	27	24
Branco	6	5
Fulos ⁸	4	3
Morenos	3	2

Total da amostra: 112

⁷ Em 1850, cerca de 96% dos capoeiras presos no Rio de Janeiro eram “pretos” e “pardos” *Relação das prisões feitas no Rio de Janeiro*. Arquivo Nacional, Códice 358. Em 1890, cerca de 30% dos presos por capoeira eram brancos.

⁸ *Fulos* são mestiços de cor clara e *morenos* são brancos de pele bronzeada e cabelos lisos.

À guisa de comparação, vejamos como se estabelecem os padrões de cor entre os cariocas:

Tabela 3
Distribuição por cor dos cariocas presos
por capoeira no Rio de Janeiro

Cor	Número	%
Pretos	439	41,0
Pardos	268	25,0
Branços	196	18,0
Fulos	74	6,90
Morenos	3	0,20
Caboclos	5	0,47
Total da amostra: 1062		

O predomínio de negros entre os capoeiras baianos é maior do que em todas as províncias que tiveram representantes presos como capoeiras.

A composição racial dos capoeiras baianos na Corte poderia revelar algo peculiar à capoeira baiana do século XIX⁹: uma forte presença escrava, atenuada na segunda metade do século pelo papel de brancos e migrantes portugueses. Esta presença escrava estava relacionada com os padrões raciais dos baianos?

Na primeira metade do século XIX, principalmente após 1835, ficaram célebres no Rio os “Minas” ou “Nagôs” africanos vindos da Bahia, grande parte deles fugindo da repressão desencadeada pelas autoridades provinciais após o Levante Malê daquele ano.¹⁰ Esses baianos popularizaram os “Minas” ou “Nagôs” entre a população negra na cidade e tiveram um papel importante na vida cultural do Rio até o século XX.

Um elemento que não podemos deixar de registrar é a importância dos “Nagoas” no universo da capoeiragem carioca. “Nagoa” era

⁹ Não foram localizados, entre estudos acadêmicos, trabalhos sobre a capoeira baiana no século XIX

¹⁰ Sobre a presença de minas oriundos da Bahia no Rio, ver a monumental obra de Mary C Karasch, *Slave life in Rio de Janeiro, 1808-1850*, Princeton, Princeton University Press, pp. 5. 22-28, 322-324.

uma importante malta de capoeiras, que dominava a área periférica da Cidade Velha, e que teve papel importante na participação política dos capoeiras nas últimas décadas da monarquia.¹¹ O outro grupo, que igualmente não se sabe se formava uma malta ou um conjunto delas, eram os “Guayamús”, que controlavam a parte central da cidade.¹²

Essa malta, ou conglomerado de maltas diversas, tinha papel de peso na correlação de força entre os grupos no Rio. E os africanos nagôs, oriundos da África Ocidental, eram especialmente importantes em Salvador e temidos pelos senhores de escravos como fomentadores de rebeliões.

Seriam os “Nagoas” do Rio de Janeiro relacionados com os nagôs da Bahia, como aliados ou próximos? A partir da década de 1830, a presença de negros da África Ocidental no Rio, oriundos da Bahia, é cada vez maior. Na metade do século eles formam faixa expressiva dos africanos no Rio. Seus bairros de moradia quase sempre estão dentro da área dominada pelos “Nagoas”.¹³ É pelo menos plausível que os Nagoas dos anos 1870-80 estejam relacionados com os mina-nagô dos anos 1840, abundantes e principalmente importantes na comunidade negro-escrava do Rio de Janeiro.

Quando trabalharmos com os padrões de moradia ou de local de prisão poderemos comprovar essa hipótese.

Faixa etária

As mais díspares idades estavam presentes entre os capoeiras baianos da Corte. Desde o “caxinguelê” (aprendiz) Antônio Eleutério dos Santos, morador na Rua Larga de São Joaquim, pardo, sem profissão, preso por “capoeira e desordem” em 1º de abril de 1887, de 12 anos, mas que já sabia se esconder no vulgo Pedro Eleutério dos Santos, até o ancião José Joaquim de Santana, de 64 anos, residente na Rua São Luiz Gonzaga

¹¹ Soares. *A negregada instituição*. cap. V.

¹² *Ibid.*, cap. II.

¹³ Um grande repositório de endereços dos africanos minas no Rio são as fontes das irmandades, principalmente as de Santa Efigênia e Santo Elesbão, no centro do Rio, que congregavam grande parcela dos minas na Corte. Ver *Livros de óbito e entrada da Venerável Irmandade de Santa Efigênia e Santo Elesbão - 1831-1850*.

146, no distante bairro de São Cristóvão, pedreiro, solteiro, preto, preso por capoeira em 10 de agosto de 1890 e enviado para o Arsenal de Guerra em 13 de agosto.¹⁴

Esses dados mostram uma sensível diferença em relação ao conjunto de capoeiras presos no período, que tinha uma ampla maioria de indivíduos dentro da faixa de idade entre 15 e 20 anos.

Abaixo vemos a faixa etária do conjunto de presos por capoeira (nacionais e estrangeiros) para uma análise comparativa com aqueles da Bahia. O primeiro impacto foi a diferença entre a percentagem da menor faixa etária entre baianos e o total dos capoeiras. Nada menos de 4% dos baianos contra apenas 0,3%.

Essa presença de menores entre os baianos pode revelar algo da maior importância sobre a capoeira na cultura popular em Salvador. E não deixa de ser interessante como essa vocação precoce para a capoeiragem é similar entre baianos e escravos, mais do que no conjunto dos livres presos por capoeira.

Tabela 4
Faixa etária dos baianos presos
por capoeira no Rio de Janeiro

Faixa etária	Número	%
Menos de 15 anos	5	4
Entre 15 e 20	36	33
Entre 21 e 25	29	26
Entre 26 e 35	21	19
Mais de 35	17	15
Desconhecida	4	3

Também é digno de registro a expressiva presença de baianos em faixas de idade mais elevadas, como aqueles presos com mais de 35 anos. Uma rápida comparação entre as tabelas 4 e 5 revela uma característica peculiar em relação aos outros grupos, sejam livres ou escravos.

¹⁴ Não consta local de prisão destes indivíduos. Livro de Matrícula da Casa de Detenção (LMCD) nº 3982. Folha 2860.

Tabela 5

Faixa etária do total de presos por capoeira no Rio de Janeiro

Faixa etária	Líves		Escravos	
	Número	%	Número	%
Menos de 15	88	3,7	9	4,3
Entre 15 e 20	975	41,9	68	32,8
Entre 21 e 25	677	29,1	40	19,3
Entre 26 e 35	419	18,0	82	39,6
Mais de 35	163	7,0	8	3,8

Temos informações de que já havia no século XIX uma vigorosa tradição de capoeira em Salvador, mesmo sem ter até hoje sido estudada. Pensamos que parte destes indivíduos devem ter vindo para o Rio muito tempo depois de sua formação, atraídos talvez pelo fato de o Rio ser um grande centro irradiador do país, em todos os sentidos.

De qualquer maneira, a faixa etária mais proeminente (entre 15 e 20 anos) é similar àquela encontrada em outros grupos. Assim, os baianos não são diferentes quanto ao padrão etário mais destacado: a adolescência, entre 15 e 20 anos, uma idade de afirmação, principalmente para aqueles oriundos da pobreza urbana, marcados pela competição e pela violência.

Ocupações e profissões

A Cidade do Rio das últimas décadas da escravidão assistiu ao surgimento de novas profissões, fruto do desenvolvimento tecnológico e também dos novos grupos sociais, no caso o grande número de homens livres pobres das mais diversas origens, que convergiram para a cidade em busca de oportunidades. Mesmo no período anterior a 1850, a mão-de-obra escrava, abundante naquele momento, passou neste meio século por profunda diversificação, com acentuado crescimento das ocupações de comércio de rua, dos mais diferentes gêneros. Essa maior complexidade do trabalho escravo na metrópole teve forte influência no perfil do trabalho livre.

Esta diversidade ocupacional vai se refletir não apenas no amplo universo de diferentes especializações registradas entre os baianos ca-

poeiras da Corte, mas também na rotatividade intensa de ocupação entre a pobreza urbana. Em outras palavras, o crescimento do mercado de trabalho livre na cidade, no crepúsculo da escravidão urbana após 1850, se fez de modo a ocupar o espaço deixado pelos cativos, e mesmo manter tradições ocupacionais criadas por escravos e africanos. Quanto aos capoeiras baianos na Corte, os dados ocupacionais podem ser valiosos para visualizar o nicho social ocupado por estes indivíduos, e sua maior proximidade dos padrões de escravos e livres. E perceber como esses baianos são integrados no mundo do trabalho na capital, se por meio de ocupações técnicas ou artesanais (indicativos de maior integração ao mercado local) ou por atividades desqualificadas, indicativos de menor ascensão social e permanência nos níveis mais baixos do mundo urbano. Primeiramente, exibiremos as profissões propriamente ditas, como aparecem na documentação, e, posteriormente, as agruparemos em padrões similares, para uma análise mais global. No primeiro caso, a relação que encontramos demonstra a complexidade do mundo do trabalho na cidade e a plêiade de ocupações diversas que podiam ser adotadas pelo forasteiro no agitado ambiente urbano da Corte.

Carpinteiro	9	Lustrador	3
Copeiro	9	Vendedor de doces	1
Carregador	6	Servente	2
Quitandeiro	1	Calafate	1
Negociante	1	Vendedor de biscoito	1
Pedreiro	6	Estivador	1
Bombeiro	1	Corrieiro	1
Catraieiro	2	Foguista	1
Marítimo	2	Charuteiro	1
Marceneiro	2	Cocheiro	1
Calceteiro	1	Ferreiro	3
Vendedor de jornais	5	Cigarreiro	2
Cozinheiro	7	Pautador	1
Limador	1	Ajudante de pedreiro	1
Tanoeiro	1	Tipógrafo	1
Padeiro	5	Condutor	1
		Sem profissão	26

Mas, somente quando articuladas, essas informações podem ser melhor decodificadas. Para isso, elaboramos cinco categorias para agregar as ocupações.

Artesãos: São aqueles envolvidos com profissões manufatureiras ou artesanais, que geralmente trabalham em oficinas, e dominam um ofício determinado. Envolvem uma ampla variedade de profissões diferentes, desde fogueiros, empregados em manusear fornalhas ou caldeiras de vapor, até cesteiros, que ficam nas esquinas ou em lojas produzindo para a clientela. São calafates, douradores, carpinteiros, tipógrafos, marceneiros, etc.

Trabalhadores de rua: São os que têm que circular pelas ruas e praças da cidade para vender seus produtos, ou que carregam os mais diversos objetos e mercadorias em trânsito. São ocupações mais desqualificadas, cujo padrão etário é mais baixo. Formam um contingente numeroso de trabalhadores de baixa renda, que compõem o ambiente típico da Cidade do Rio no final do século XIX. Muitos vindos de fora da cidade (nacionais ou estrangeiros) têm essas ocupações como as mais acessíveis. Muito da tradição dos escravos de ganho da 1ª metade do século foi incorporada por livres pobres nas décadas seguintes. São quitandeiros, carregadores, vendedores de jornais, de doces, etc.

Domésticos: Formam o contingente menos numeroso dos três principais citados. Mas a maioria dos escravos na década de 1880 tem ocupações domésticas. São cozinheiros, copeiros, serventes e, mesmo com pequena diversificação, conformam parte importante do nicho ocupacional de negros e mestiços, principalmente mulheres.

Marítimos: São todos aqueles envolvidos com ocupações do cais do porto e estiva, ou da marinha e dos navios ancorados ou surtos na baía. São catraieiros que levam as mercadorias e os passageiros dos navios aos trapiches e portos. Também envolve os pescadores.

Trabalhadores do comércio: Uma categoria rara. Em sua maior parte são caixeiros de botequins, mas também há negociantes, donos de mercearias.

Sem ocupação: Uma parcela importante da população mais pobre estava deslocada desses padrões mais baixos de trabalho. Encarnava o fantasma da vadiagem, alvo predileto da ordem policial.

Tabela 6
Capoeiras da Bahia por categorias ocupacionais

Categorias ocupacionais	Livres		Escravos	
	Número	%	Número	%
Artesãos	43	35,5	1	8,3
Trabalhadores de rua	18	14,8	0	—
Domésticos	14	11,5	3	25,0
Marítimos	23	19,0	0	—
Trabalhadores do comércio	1	0,8	0	—
Sem ocupação	22	18,1	8	66,7

Como podemos ver na tabela acima, uma parcela majoritária dos capoeiras nascidos na Bahia exercia ocupações qualificadas, o que indica uma maior intimidade com o universo ocupacional da cidade, na medida em que o exercício de ocupações com maior habilidade artesanal exigia maior capacitação e inserção no mercado de trabalho. Ser carpinteiro é mais difícil do que ser carregador de café. Este perfil se liga ao padrão etário mais alto, o que pode indicar um êxodo de indivíduos mais habilitados que buscam a cidade por objetivos profissionais mais consistentes.

As ocupações de rua eram espaço predileto de menores e garotos de rua, bem próximo ao palco primordial da capoeiragem. Nesse ambiente urbano, as habilidades do jogo eram importantes. Como esses menores vinham para o Rio? Provavelmente, eram filhos de migrantes da Bahia. Como entravam no mundo da capoeira? Parece lógico, por sua idade, que esse aprendizado se dava no Rio, com certeza um grande centro irradiador das tradições da capoeira.¹⁵

A forte presença de desocupados indica a rotatividade da mão-de-obra num mercado informal dominante, o que não era privilégio de baianos. Entretanto, os capoeiras podiam desempenhar serviços de capangas ou guarda-costas, fortemente disputados por políticos e negociantes.

¹⁵ Para uma amostra da difusão da tradição carioca da capoeira, ver o texto de Vicente Salles, *A defesa pessoal do negro: a capoeira no Pará*, ed. do autor, 1994.

O que os dados ocupacionais sobre baianos capoeiras podem elucidar? O enraizamento da comunidade baiana no Rio é demonstrado por profissões como bombeiros e negociantes, raras no padrão total dos presos na Casa de Detenção; mas, em número expressivo, eles tinham ocupações de rua mais desqualificadas (como o comércio ambulante) ou mesmo eram desocupados. Interessante a proximidade que escravos e livres têm das ocupações domésticas, forte entre escravos, mas relativamente pouco expressiva entre os livres. Com certeza, o padrão racial dos baianos era relacionado com seu padrão ocupacional, numa cidade onde os preconceitos raciais e sociais ainda eram definidores para a inserção do indivíduo no mercado de trabalho.

Moradia e prisão

Os registros de moradia são sinais valiosos dos pólos de ação e socialização da colônia baiana no Rio dos fins do século XIX. A tradição guarda que a comunidade baiana no Rio (eminentemente negra, como os registros de cor dos capoeiras indicam) tinha seu centro no Morro do Livramento e imediações de Saúde e Praça Onze, onde importantes terreiros de candomblé e umbanda, como o da lendária Tia Ciata, estavam localizados.¹⁶ Para utilizar os registros de endereço, teremos que agrupar as ruas em torno das freguesias (bairros) de então. As principais freguesias do Rio eram Candelária, Santa Rita e Sacramento, que formavam o que era chamado de Cidade Velha, a zona comercial mais antiga. As outras freguesias foram formadas em épocas posteriores, e combinavam áreas urbanas e atividades semi-rurais, como criação de animais. Infelizmente, os escravos não tinham registro de moradia, mas a moradia dos senhores podia ser indicativa, apesar de muitos escravos residirem longe de seus senhores, como era costume. Os dados que temos são os da tabela 7.

Como podemos ver claramente, a moradia predileta dos capoeiras baianos era a Freguesia de Santa Ana. Esse dado corrobora a tradição de que a área em torno dos morros da Saúde e Providência era o

¹⁶ Roberto Moura, *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, DGDI, 1995 (Col. Biblioteca Carioca, nº 32).

Tabela 7
Capoeiras baianos por moradia (livres)

Moradia	Número	%
Candelária	4	3,5
Sacramento	28	25,0
Santa Rita	10	8,9
Santa Ana	30	26,7
São José	13	11,6
Glória	3	2,6
Santo Antonio	2	1,7
Espirito Santo	1	0,9
Engenho Novo	2	1,7
São Cristóvão	1	0,9
Moradia desconhecida	18	16,0

centro da comunidade baiana no Rio. Membros influentes dessa comunidade ali tinham sua residência, como Cândido Fonseca Galvão, ou, mais popularmente, Príncipe Obá II d'África, ex-combatente da Guerra do Paraguai, baiano de Lençóis e figura lendária da comunidade negra do Rio de outrora.¹⁷ Amigo pessoal do imperador Pedro II, freqüentador dos bailes da monarquia, era também venerado pela população negra da Corte. Sua moradia era na Rua Barão de São Félix, na Freguesia de Santa Ana, a mesma rua do mais famoso cortiço da época, o Cabeça de Porco,¹⁸ onde também morava quantidade apreciável dos baianos. Decerto o Príncipe Obá era um referencial para a comunidade baiana, e para aqueles que viessem para a capital. A denominação de "Pequena África" para aquela região também era sintomática de uma parcela da cidade marcadamente negra, e onde os filhos da Bahia tinham suas práticas culturais e religiosas mantidas.

Mesmo não sendo um capoeira praticante, o Príncipe Obá era

¹⁷ Eduardo Silva. *Slaves, freedman and free men of colour in the transition from slavery in Brazil. A case study: the life, time and ideas of Dom Obá II d'África, prince of people. 1845-1890*, London, University of London/University College, 1992.

¹⁸ Sidney Challoub. *A guerra contra os cortiços: a Cidade do Rio. 1850-1906*, Campinas, UNICAMP/IFCH, 1990. pp. 44-50 (Col. Primeira Versão, 1990)

portador de uma mensagem política claramente simpática aos capoeiras: a manifesta simpatia pela monarquia e por sua adesão à causa abolicionista. O Príncipe Obá era um mito para a população negra da Corte.

A segunda freguesia de moradia era Sacramento, na área mais comercial e freqüentada da cidade. Palco principal das brigas de malta, era o centro nervoso dos conflitos envolvendo capoeiras. Decerto a moradia estava relacionada com as fidelidades locais e de bairro, tão importantes na formação das maltas. É também importante destacar que fazia larga fronteira com a Freguesia de Santa Ana.

A Freguesia de São José vinha em seguida. Ela cobria uma área desde a atual Praça Quinze até o bairro da Glória. Santa Rita e Candelária, mesmo em áreas mais centrais, eram pouco representativas. Coincidência ou não, os locais de moradias destes baianos nas décadas de 1830-1840 se tornarão as áreas dominadas pelos nagoas nas décadas de 1870 e 1880.

Um segundo dado importante é o local de prisão desses capoeiras. As diversas subdelegacias e seus distritos enviavam suas vítimas para a Casa de Detenção, onde eles eram fichados. Mas muitas vezes o próprio chefe de Polícia enviava os presos para a Detenção, o que impossibilitava a discriminação da freguesia exata onde fora preso. Mesmo assim, os dados da Detenção são importantes para localizar os locais de ação preferidos dos capoeiras, que podem informar os vetores da formação das maltas, ou os antagonismos dentro do universo da capoeiragem.

Como vemos na tabela 8, cerca de 22 (21%) dos livres foram presos por ordem direta do chefe de Polícia da Corte. Esse dado indica maior preocupação das autoridades centrais da força policial com este tipo de “criminalidade”.

A maior presença de prisões de livres na Freguesia do Sacramento indica que esses capoeiras tinham conflitos que não se relacionavam somente com os espaços de moradia, ou com a manutenção de uma comunidade local (como aparece no romance *O Cortiço* na rixa entre “Carapicus” e “Caras de Gato”), mas muitas vezes com o controle informal de áreas vitais para a reprodução de grupos de trabalhadores ambulantes, que eram fundamentalmente dependentes do comércio informal ou ambulante.

Tabela 8
Capoeiras baianos por local de prisão (livres)

Local	Número	%
Candelária	4	3,9
Sacramento	30	29,7
Santa Rita	12	11,8
Santa Ana	16	15,8
São José	10	9,9
Espírito Santo	3	2,9
Santo Antonio	2	1,9
Engenho Velho	1	0,9
Engenho Novo	1	0,9
Pelo chefe de Polícia	22	21,7

Em outras palavras, as maltas de capoeiras poderiam ter sido orientadas para a defesa de áreas importantes para a reprodução econômica do grupo, como ambulantes que reprimem a entrada de outros mascates em sua zona “privilegiada”. A Freguesia de Sacramento era parte da chamada Cidade Velha, zona de urbanização mais antiga, e com forte presença de comércio e serviços, ao contrário de outras, como Santa Ana, com um caráter mais residencial.

De qualquer modo, a Freguesia de Sacramento, onde se concentrava grande número de lojas e estabelecimentos comerciais e de serviços, era, por isso, uma das mais policiadas, o que ajuda a explicar o maior número de conflitos com policiais naquela área. Quanto mais afastado do centro, formado por Candelária, Santa Rita e Sacramento, mais acentuado o papel residencial.

Deve ser notada a presença da Freguesia de Santa Ana menos como local de ação repressiva, e mais como reduto de moradia. Santa Ana era, desde muito, local de concentração da população escrava e africana, fator relacionado com a formação da malta dos nagoas, dominante naquela área.

Quanto aos locais de prisão de escravos, vemos que, mesmo com o diminuto número de escravos baianos comparados com os livres, a

presença acentuada de Sacramento se repete, confirmando os dados anteriores. Podemos intuir que a progressiva redução do número de escravos no meio urbano, fenômeno persistente para os últimos anos da escravidão no Brasil, foi marcado por sua concentração em áreas limitadas. No caso, as áreas de urbanização mais antiga, como vemos na tabela 9.

Tabela 9
Capoeiras baianos por local de prisão (escravos)

Local	Número	%
São José	2	16,6
Sacramento	5	41,6
Santa Rita	3	25,0
Sem local de prisão	2	16,6

Capoeira e capoeiragem

A capoeira não era contemplada no Código Penal do Império, mas era suficientemente perigosa para justificar uma vigilância rigorosa por parte das autoridades. Um número apreciável de indivíduos foi preso por esse motivo no Rio do século XIX.

As autoridades policiais souberam forjar um jargão peculiar, relacionado ao falar popular, para identificar as diferentes dimensões da capoeira e justificar as repetidas detenções feitas em toda a cidade. Os capoeiras geralmente eram detidos, pelo simples motivo de serem “capoeiras”, às vezes por vários dias. Isso se explica pelo grande receio que as autoridades policiais na cidade tinham da capoeira. Sua simples presença já preocupava. Mas, às vezes, o motivo de prisão registrado era algo mais complexo, o que exige explicações. Quanto aos escravos, o motivo de sua prisão é sempre por “capoeira”, o que também testemunha o grau de receio que as autoridades tinham destes tipos sociais.

O termo “capoeiragem” ou “exercício de capoeiragem” significava o treino, ou movimentos, geralmente utilizados como preparação.

Em grande parte esses presos eram menores, que ficavam nas ruas e praças públicas aprendendo os meneios com outros mais velhos. Esses “exercícios” eram sintomas de que novas levas de capoeiras estavam se preparando para agir ou do quanto certos grupos estavam já habilitados para agir.

Outro motivo de prisão era “desordem e capoeira”, que indica uma ação mais violenta, ou mesmo um conflito com outros grupos, e que alarmava as autoridades policiais. Naquele momento, alguém podia ser processado por ferimentos ou ameaças, o que resultava em maior testemunho documental das práticas dos capoeiras. De qualquer forma, a “desordem” era uma ação mais violenta, e decerto era punida com maior severidade.

Outro motivo típico era a associação entre “capoeira e vagabundo” ou “vadio”. Controlar o que denominou-se “vadiagem” era uma obsessão da elite do Estado da época, e refletia o medo de uma imensa massa de trabalhadores no mercado informal, gestando sua própria sobrevivência sem o controle patronal direto. Essa massa de ambulantes e biscateiros vai ser um fator de preocupação e receio por parte das autoridades policiais do século XIX comparável aos operários do século XX, as “classes perigosas” da contemporaneidade.

Quando à “capoeira” se somava a “vadiagem”, isto é, a capacidade de somar conflitos de rua junto a uma autonomia de reprodução econômica, podemos dizer que uma mistura explosiva, na visão das autoridades, se formava, o que explica a virulência das prisões arbitrárias, comuns no período.

Se registram outros motivos de prisão mais raros, mas nem por isso menos reveladores. A prisão de indivíduos por “suspeitos de capoeira” desvelam o grau de preocupação e o nível a que podia chegar a paranóia das autoridades.

Quanto aos baianos, o que podem esses dados revelar? As prisões por “capoeira” exibem um estereótipo facilmente identificado pela autoridade, e que era facilmente vítima do arbítrio policial. Os dados indicam que cerca da metade dos presos (52,4% dos livres e 100% dos escravos) foi detida simplesmente por “capoeira”, dado que se conforma com o conjunto global de todos os presos, o que só salienta a periculosidade da capoeira.

Em seguida, como mostra a tabela 10, referente aos livres, viam 18 por “capoeira e desordem” (17,8%), 11 por “capoeira e vadio” (10,8%) e 9 por “capoeiragem” (8,9%). Um certo número foi detido por agressão a policiais, possivelmente por reagirem ao ato de prisão (3,9%). Curiosa é a alegação de “capoeiragem e desordem”, que intui a existência de conflitos nos momentos de exibição e de treino. Na realidade, “capoeiragem” é a única alegação em que podemos afirmar com segurança a presença dos golpes de corpo característicos da capoeira.

Tabela 10
Motivo de prisão de capoeiras baianos no Rio (livres)

Motivo	Número	%
Capoeira	53	52,4
Capoeira e desordem	18	17,8
Capoeira e vadiagem	11	10,8
Capoeiragem	9	8,9
Capoeiragem e desordem	3	2,9
Capoeiragem e vadiagem	1	0,9
Capoeira e agressão a policiais	4	3,9
Capoeira, vadio e desordeiro	1	0,9
Suspeito de capoeira	1	0,9

A primeira coisa que tem de ficar clara é a veracidade das informações. Será que os dados coletados nas ocorrências não são excessivamente vulneráveis ao humor das autoridades policiais, ou dos escrivães, sem a precisão necessária para um levantamento quantitativo? Em primeiro lugar, esse problema aflige todos os pesquisadores que utilizam as fontes de origem policial, não apenas os dados da Casa de Detenção. Em segundo lugar, a quantidade de pessoas envolvidas nessas instituições (visíveis, por exemplo, na quantidade de caligrafias diferentes nos registros) e a regularidade de certas informações apontam para a existência de práticas costumeiras, e regulamentadas, que orientavam a identificação das causas de prisão.

Em outras palavras, a presença de indivíduos presos por três ou

mais motivos diferentes se contrapõe ao recurso fácil da “desordem”, por exemplo, como alegação mais que suficiente para levar um sujeito para trás das grades. O arbítrio policial tenderia a generalizar os motivos de prisão, o que não acontece. No nosso entender, isso era determinado pelas próprias autoridades superiores, que precisavam de informações precisas para planejar, com maior meticulosidade, o manejo do crime.

O que estes dados apontam? Os filhos da Bahia praticantes da capoeira no Rio sofriam o crivo da vigilância e da punição de forma um pouco mais acentuada do que os de outra origem, o que aponta a menor dissimulação desses baianos no meio dos grupos diferentes. A alegação de “capoeira e desordem” indica uma certa hostilidade, ou dirigida contra outros grupos ou contra policiais. Mas esta última possibilidade é menor, já que a agressão a policiais era um agravante registrado com frequência, separado da “desordem” pura e simples.

Infelizmente, a documentação dos jornais poucas vezes entra em detalhes sobre essas brigas de rua, tão comuns então. A presença desse motivo entre baianos mais do que entre capoeiras de outras origens aponta maior beligerância, algo relacionado ao prestígio social, e afirmação num ambiente hostil ou estranho.

Já os “vadios” se dedicariam a profissões de rua ou ambulantes, cuja mobilidade e autonomia, como já dissemos, preocupava as autoridades. Os detidos em “capoeiragem” eram menores de 20 anos, neófitos, como a coincidência de dados indica.¹⁹ A proximidade percentual entre baianos “suspeitos de capoeira” e indivíduos de outras origens presos pelo mesmo motivo denota similitude entre os da Bahia e os do resto do país, pelo menos em uma coisa: a lógica da desconfiança que movia as autoridades.

Já a detenção por “vagabundo, capoeira e desordem” está ligada à noção de periculosidade que os capoeiras carregavam naquela época. Não sabemos ao certo como estes baianos eram vistos pelas autoridades, mas decerto o estigma da cor colaborava para aumentar a truculência para com eles.

¹⁹ Dos presos por “capoeiragem”, um tinha 16 anos, outro 17, outro 18, e um outro 15. Três tinham 20 anos e dois, 21.

Vestis e grupos

Um dos registros mais sugestivos e ricos da documentação da Casa de Detenção refere-se às roupas dos presos na Casa. Com certeza esses registros serviam para posterior identificação numa sociedade onde documentos individuais eram raros.

Esse testemunho não apenas confirma a baixa condição da maioria esmagadora dos capoeiras, mas também formas de identificação de grupos, tais como as cores de Nagoas e Guaiamus.²⁰ Um sintoma da riqueza desse material é que podemos, por meio dele, perceber as formas de dissimulação que escravos engendravam, querendo desaparecer no meio da multidão de livres e libertos que passava pela cidade.

Essas informações só podem ser entendidas em seu conjunto se agrupadas com o conjunto de vestimentas dos outros capoeiras. o que escapa dos objetivos desse artigo. O que pretendemos é apenas apontar a possibilidade de encontrar traços de identidades específicas entre as roupas usadas, apesar de ser claro que a indigência da maioria destes indivíduos implicava numa roupagem sumária, marca da pobreza urbana.

Apenas a título de registro, podemos relatar o uso generalizado de chapéus entre livres e escravos, uma marca tradicional do tipo social “capoeira” do século XIX. Outra observação é sobre a uniformidade de cores que alguns usavam. Poderiam identificar maltas específicas? Não sabemos, mas é uma hipótese.

Como exemplo, vemos o caso de Odorico Antonio, lustrador, preto. Ele usava calça, paletó e chapéu preto.²¹ Seu companheiro, o também preto José Bahiano, usava calça, paletó e chapéu de cor,²² que, por inferência, podemos supor que é vermelho ou próximo. As informações das roupas usadas pelos seus companheiros de malta, com os quais foram presos, não possibilitam esse raciocínio.

Outra informação cuidadosamente preservada pelos escrivães da Detenção era se a prisão do capoeira ocorrera isoladamente ou em

²⁰ De acordo com a tradição carioca do final do século, branco era usado pelos Negras e vermelho pelos Guaiamus. Ver Soares. *A negregada instituição*, cap. II.

²¹ LMCD nº 3962. 08/05/1882.

²² LMCD nº 3979. 15/12/1884.

grupo, as famosas “maltas”. Quanto aos baianos livres, podemos perceber, inicialmente, que metade dos presos (55%) foram apanhados dentro de algum grupo. Destes, uma minoria (11%) foi apanhada em “desordem”, o que pode indicar conflitos com outros grupos e dificulta saber quem pertencia a determinado grupo.

Entre os escravos, um número bem menor (25%) foi preso em maltas. Na maioria, tanto entre livres como entre escravos, eles eram os únicos da Bahia na malta, o que sugere um alto nível de intimidade com a capoeira local. Raros foram os grupos compostos só de baianos, como o formado por Luiz Fortunato e Rufino Joaquim Marques, ambos “pretos” e calafates, presos em 1887.²³

Isso significa que a capoeira não foi, ao contrário do que esperávamos, um canal de identificação baiano no Rio, como uma marca de diferença. Era mais um movimento de participação na comunidade local, marcada na época pelas diferenças raciais e de nacionalidade.

E quanto à gregariedade dos capoeiras baianos, eles estavam em maioria dentro de maltas, quando foram presos? Na mesma direção dos livres, os escravos baianos se misturavam no meio da população cativa, e podemos até supor sua maior interação com os africanos, muitos deles já tendo passado por Salvador. Como testemunho, podemos citar o mais antigo registro de malta onde havia um baiano, um escravo, pardo, de nome Honorato, capturado, sintomaticamente, junto com dois africanos, Joaquim, 36 anos, nação cabina, e Antônio, 32 anos, benguela, alfaiate, e por último Frutuoso, nascido no Rio, 22 anos, com banca de venda de peixe.²⁴

As indumentárias dos capoeiras baianos no Rio pouco revelam de diferente em relação a elementos de outras origens, mas guardam consideráveis semelhanças entre si. Podemos concluir que a indumentária não era um traço de identidade da comunidade baiana na Corte. Mas uma percepção curiosa permanece. Por que uma quantidade apreciável dos baianos usava roupa de cor azul, rara na maioria dos registros? Seria um traço de identidade grupal?

²³ LMCD n° 3987, 23/11/1863

²⁴ LMCD n° 3963, 28/09/1887

Conclusão

Uma análise substantiva da presença de baianos na capoeira carioca do século XIX exige um conjunto de dados qualitativos mais amplos, principalmente de jornais e fontes policiais. A riqueza da documentação relativa à capoeira no Rio de Janeiro permite supor que esse trabalho seja possível.

Este artigo tinha somente o objetivo de apresentar alguns dados sobre este tema por meio de uma documentação específica e inédita, e abrir o debate sobre o assunto. Procuramos, algumas vezes, levantar interpretações breves e iluminar hipóteses que ajudem a entender os elos ocultos que dão sentido a um mundo social particularmente mal conhecido, formado por homens quase sempre alvos do medo ou da fúria dos mantenedores da ordem.

Uma comunidade com uma singular porcentagem de “homens feitos” numa atividade marcadamente adolescente e jovem. Uma colônia onde a presença negra era hegemônica. Uma presença negra que deixou marcas nas formas de associação e ritualização social, tão presentes na comunidade baiana no Rio como um todo.

Uma comunidade que não era apenas feita de crioulos, mas de africanos, oriundos principalmente da África Ocidental, e que, anos depois de chegarem a Salvador, vieram para o Rio, quase sempre fugindo da ira dos escravocratas após a rebelião de 1835. Estes africanos, conhecidos como minas, mudaram os padrões da cultura escrava na cidade e, no período aludido, tinham forte presença entre os escravos africanos no Rio.²⁵

Quantos desses minas vindos da Bahia passaram somente como africanos nos arquivos da Casa de Detenção? Uma questão ainda não respondida, que leva a outro dado importante: trabalhamos aqui apenas com os nascidos na Bahia, e não com todos aqueles oriundos da província que não deixaram registro dessa passagem na cadeia.

A “negritude” da capoeiragem baiana no Rio refletiu-se também nos seus padrões de moradia. A “Pequena África” da Saúde e área portuária foram, não por coincidência, regiões marcadas pelo conflito

²⁵ Por volta de 1863, cerca de 30% dos africanos no Rio eram minas. Agradeço a Carla Adriano Cândido, historiadora do Pará, por esta informação.

social e pela resistência. Quando, em 1904, o novo prefeito Pereira Passos botava abaixo bairros inteiros, tendo em vista o “embelezamento” da cidade, no momento em que a onda demolidora chegou ao bairro da Saúde teve de enfrentar uma verdadeira revolução popular, com cenas brutais de conflitos entre soldados e moradores. Entre os líderes da Revolta da Vacina, como ficou conhecida, um capoeira: Pata Preta.²⁶

Para se desvendar os mistérios dessa colônia baiana é preciso entrar nos cortiços, penetrar os labirintos da cidade, recolher os fragmentos da documentação dispersos em jornais e ofícios de polícia.

Mas talvez o maior mistério desse pedaço da Bahia no Rio esteja na posição estratégica assumida por seus membros dentro do mundo marginal carioca. Um exemplo vívido está na trajetória de um aparentemente anônimo negro baiano. De nome José Antônio, ele era um freqüentador contumaz da Detenção, muitas vezes por capoeira. Morador do Morro do Castelo e vendedor de jornais nas ruas do centro, foi, somente entre 1885 e 1888, preso quatro vezes.²⁷

No dia 19 de junho de 1888, uma grande malta, com mais de 30 indivíduos (todos negros), foi capturada no Campo de Santana. Seu chefe era José Antônio, cujas características coincidiam com aquele preso em 1885. Mas o mais importante estava por acontecer! No dia 30 de dezembro de 1888, um grande conflito colocou frente a frente capoeiras e militantes republicanos. Era o batismo de fogo da Guarda Negra, organização de libertos que se notabilizou pela defesa da monarquia.²⁸ Na

²⁶ Nicolau Sevcenko. *A revolta da vacina*, São Paulo, Ed. Scipione, 1993 (Col. História em Aberto).

²⁷ José Antônio dos Santos, 18 anos, residente no Morro do Castelo, preso em 10/03/1885 por “capoeira”, em 04/08/1885 por “capoeira” e vadio, em 04/09/1886 por “capoeira, vadio e desordeiro”, em 10/04/1887 por “vadiagem e capoeiragem”, em 30/03/1888 por “capoeira e desordem”. Ver Livros n° 4038, 5418, 3958, 5417 e 4311

²⁸ A Guarda Negra foi um movimento de negros livres e libertos em apoio à monarquia pelo 13 de maio e se contrapunha fundamentalmente aos republicanos. Entre os trabalhos clássicos que falam na Guarda Negra, podemos citar Osvaldo Orico, *O tigre da abolição*, Rio de Janeiro, s. e., 1953; Raimundo Magalhães Júnior, *A vida turbulenta de José do Patrocínio*, Rio de Janeiro, Ed. Sabiá, 1969; Rebecca Baird Bergstresser, *The movement for the abolition of slavery in Rio de Janeiro, 1850-1889*, Stanford University, 1973, Phd.; Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci, *Guarda Negra, perfil de uma sociedade em crise*, Campinas, s. e., 1990; Michael Trochim, “The Brazilian Black Guard: racial conflict in post-abolition in Brazil”, *The Americas*, XLIV 3 (1988); George Boeher, *Da monarquia para a República. História do Partido Republicano no Brasil*, Rio de

lista de feridos o nome de José Antônio e vários membros da malta, presos em junho.

No ano seguinte, José Antônio é preso de novo quando liderava outro conflito entre a Guarda Negra e republicanos, desta vez na Rua do Ouvidor, no centenário da Revolução Francesa. Ele desafiava os republicanos gritando “vivas” ao Príncipe Obá, e foi preso como um dos líderes do ataque dos capoeiras.²⁹ No princípio de 1890, ele seria também deportado para Fernando de Noronha com a nata da capoeiragem carioca.³⁰

Seria José Antônio o elo entre os baianos e a capoeiragem política na Corte? Seria essa ligação uma aliança entre diversas tradições da capoeira (a baiana e a carioca) em nome da luta por causas de negros e libertos? O que podemos ter certo é o papel estratégico dos baianos na movimentação política dos capoeiras, como a presença de uma figura como o Príncipe Obá II pode atestar, e a frenética atuação de um José Antônio, certamente um líder, também aponta. O perfil negro da capoeira baiana na Corte era ingrediente importante nessa preeminência.

Outros comentários ainda podem ser feitos. Os registros de filiação para livres ocasionalmente podem informar a posição social de família na terra de origem. Igualmente, a posição dos proprietários de escravos pode ajudar a entender a posição dos escravos baianos no jogo das maltas na Corte. Certamente, um escravo de um senador poderoso recebia um tratamento das autoridades policiais diferente do dispensado ao cativo de um simples sapateiro. Para realizar este estudo, que escapa dos objetivos desse artigo, seria necessário ter acesso a fontes sobre proprietários de escravos da Bahia que depois vieram ao Rio, ou documentos da Província da Bahia que elucidassem a posição social dos pais daqueles presos.

Um outro dado interessante é a diferença entre a permanência na prisão de escravos e livres da Bahia, e a reincidência alta, principal-

Janeiro. Imprensa Nacional. 1973 e Flávio dos Santos Gomes, “No meio das águas turvas: racismo e cidadania no alvorecer da República. A Guarda Negra na Corte - 1888-1889”, *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, 21 (1991), pp. 75-96.

²⁹ LMCD n° 3973, 15/07/1889

³⁰ Ele foi deportado em 23 de maio de 1890, após ter sido detido em 27 de março do mesmo ano. Ver LMCD n° 4322, 27/03/1890.

mente de livres. A alta taxa de reincidência de prisões para livres revela a persistência da capoeira como uma atividade arraigada, mesmo sendo de alto risco. Quanto a escravos, a média de permanência nas prisões (10 dias) contrasta muito com a dos livres (3 dias), o que pode ser explicado pelo fato de que o escravo somente podia ser solto com a anuência do senhor, que muitas vezes não sabia da prisão de sua “propriedade”.

Somente através de uma pesquisa com fontes mais narrativas, como jornais e ofícios de polícia, utilizando os registros da Casa de Detenção como ponto de partida, poderemos estabelecer um quadro mais nítido do lugar ocupado pelos baianos na capoeira do Rio e, em consequência, da história oculta da capoeira neste país.

Anexo I

Relação dos capoeiras da Bahia presos no Rio

Escravos

1863 Honorato

1881 Nicolau
Eduardo
Eduardo
Anacleto
Manoel

1882 Nicácio
Libório^a
Pacífico

Livres

1868 Henrique Manoel da Conceição
Romão Francisco de Oliveira

1870 Felisberto Alves Carneiro

1877 Martins Joaquim da Silva

1879 Ladislau Agostinho do Desterro
Luís Veríssimo (vulgo Cachaça)

1881 José Maria dos Santos
João Bahia de Souza Vieira
Eugênio Pedro da Silva
Rodrigo Peixoto Guimarães^b

1882 Antônio José Joaquim
Odorico Antônio
Fernando Antônio dos Prazeres
Cosme José de Sant'Anna^c
Miguel Bernardino Joaquim de Barros
Luís de Almeida Silva

^a Foi preso novamente em 1882.

^b Foi preso de novo em 1882.

^c Foi preso de novo em 1885.

1883	Victor (diz ser Victor Gustavo da Cunha) José Pedro Guimarães Joaquim José de Sant'Anna Antônio Carolino da Conceição Manoel Nunes Florianio da Rocha Brito ^d Felipe Santiago ^e
1884	João Pedro da Silva Luís Gonzaga Domingos Evaristo da Cruz Marcos Theodoro José Baiano Antônio Faria da Costa
1885	João Sacerdote da Boa Morte João Garcia de Souza Ricardo João da Costa José Antônio ^f João da Silva Braga Manoel Valentim do Sacramento Martinho Francisco Simphonio João Batista João Theodoro Manoel Joaquim dos Santos ^g Elpídio Ricardo da Silva ^h
1886	Angelo Manoel do Nascimento Eduardo Martins da Rosa ⁱ Francisco Nunes da Costa (vulgo Francisco João) Manoel José Joaquim de Santana ^j Theodoro Marques da Costa Germano Júlio Francisco dos Santos Vicente João de Faria

^a Foi preso de novo com o nome de Antônio da Costa Torres.

Foi preso em 1883, e duas vezes em 1885.

^c Foi preso em 1885, 1886, 1887, 1888, 1889 e 1890.

^d Foi preso três vezes (1885, e duas em 1886).

^e Foi preso de novo em 1886.

^f Foi preso de novo em 1886.

^g Foi preso de novo em 1886.

^h Foi preso de novo em 1886.

- Eduardo Afonso (vulgo Brás Damásio do Nascimento)
 Manoel Nunes do Nascimento (vulgo Manoel Novaes do Nascimento)
 João Evaristo Pereira Gomes
 Luiz Fortunato (vulgo Theophilo Luís Fortunato)
 Rufino Joaquim Marques
- 1887 Manoel Anjo da Conceição
 Antônio Eleutério dos Santos (diz ser Pedro Eleutério dos Santos)
 Emygídio Mariano do Espírito Santo
 Frederico José de Oliveira
 Cosme e Damião
- 1888 Antônio Pereira
 Francelino Antônio
 Balbino Alexandre Alves
 Manoel Firmino de Souza
 Thomé Francisco do Bonfim
 Artur Pontes de Miranda
 Luís de França Bastos
 Manoel Gouveia
 Manoel Aristides Pereira Lima
 Augusto dos Santos
 Lourenço Justiniano dos Santos
 Aurélio Felix Vianna
 Manoel dos Santos
 Manoel Arcendino da Conceição
 Acácio Alves Moreira
- 1890 João Batista da Cruz
 Eduardo José de Oliveira
 Angelo Custódio Pimentel
 Amerino José dos Santos
 Domingos Antônio dos Santos
 João Cândido
 Manoel dos Passos
 Saúl (diz ser Raul Barreto)
 José Joaquim de Santana
 José Francisco Leite Guimarães
 José Antônio Fernandes